



QUALIS
A2



MODOS DE VIDA EM PROSA E VERSOS: PAISAGEM E TERRITÓRIO¹

WAYS OF LIFE IN PROSE AND VERSE: LANDSCAPE AND TERRITORY

Giane Lourdes Alves de Souza FIGUEIREDO
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: gianefiqueiredo@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0009-8186-7514>

Euclides Antunes de MEDEIROS
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: euclides.medeiros@ufnt.edu.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5200-5338>

437

RESUMO

O objetivo desta pesquisa busca compreender os modos de vidas dos pequenos produtores de leite, nos quais diante de diversas circunstâncias enfrentaram o processo de desterritorialização dos seus lugares, pois foram remanejados do município de Babaçulândia – TO, devido a construção da Usina Hidrelétrica do Estreito – MA e reterritorialização no Assentamento Santa Marta no município de Piraquê - TO. As prosas, os versos e repentes, muito mais que manifestação da cultura nordestina, se faz presente nas narrativas dos sujeitos em tela, que mesmo sem comprovar a fidelidade dos fatos, nos permite diversas interpretações nas subjetividades do contexto vivenciado da realidade e dos aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais, até para buscar entender as novas vivências experimentadas e suas reações frente a desestruturação de suas vidas. Para isso, utiliza-se as técnicas de produção de entrevistas semi-estruturadas conjugadas com a produção de narrativas de histórias de vida que possibilitou conhecer o modo de vida, suas memórias e os novos desafios. Para abordagem teórica interdisciplinar, utiliza-se a interação entre as perspectivas da História Oral, baseados em Marcos Aurélio Saquet e Alessandro Portelli. Concluí-se que a desestruturação do modo de vida tradicional impacta em grande medida a base de reprodução cultural, material e dos valores responsáveis pelo desenvolvimento da comunidade, gerando a desvalorização das práticas de produção agrícola de caráter familiar.

¹ COMO CITAR: (ABNT): FIGUEIREDO, G. L. A. S.; MEDEIROS, E. A. Modos de Vida em Prosa e Versos: Paisagem e Território. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Abril de 2026 - Ed. 73. VOL. 02. Págs. 437-470. Disponível: <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

Palavras-chave: Modo de vida. Desterritorialização. Reterritorialização. Agronegócio.

ABSTRACT

This study examines the lifestyles of small-scale dairy farmers who, facing various circumstances, experienced the process of displacement from their homes. They were relocated from the municipality of Babaçulândia, Tocantins, due to the construction of the Estreito Hydroelectric Plant in Maranhão, and reterritorialized to the Santa Marta Settlement in the municipality of Piraquê, Tocantins. The narratives of the subjects studied, including prose, verses, and improvised verses, are much more than just manifestations of Northeastern Brazilian culture. Even without verifying the facts, these narratives allow for diverse interpretations of the subjective context of their lived reality and its political, social, economic, and cultural aspects, helping to understand their new experiences and reactions to the disruption of their lives. To this end, semi-structured interviews were conducted in conjunction with the production of life story narratives, allowing for an understanding of their way of life, their memories, and their new challenges. For an interdisciplinary theoretical approach, the interaction between the perspectives of Oral History is used, based on Marcos Aurélio Saquet and Alessandro Portelli. It is concluded that the disruption of the traditional way of life greatly impacts the basis of cultural and material reproduction and the values responsible for the development of the community, leading to the devaluation of family-based agricultural production practices.

Keywords: Way of life. Deterritorialization. Reterritorialization. Agribusiness.

INTRODUÇÃO

A história oral e as memórias oferecem um conjunto de representações do real e, com isso, nos apresenta diversas possibilidades de experiências compartilhadas, reais ou imaginárias. Como enfatiza Alessandro Portelli (2010), ao afirmar ser uma forma de representação do real que, mesmo que complicada de se entender, mas se conectam sem contradições com a subjetividade e até com a realidade dos fatos.

Nesse contexto, os repentes e suas prosas se destacam como expressão da cultura nordestina, elaboradas através de versos improvisados que se mantem ao longo do tempo e ultrapassam as gerações, por meio dos valores, tradições, histórias, vivências e interpretações do mundo.

É a partir dessa perspectiva que se insere o Sr. Otacílio Reis, cujas narrativas revelam não apenas experiências pessoais, mas também contribuições subjetividades que permitiram adentrar num universo de possibilidades de interpretações do contexto social, político, econômico e cultural e, ainda, vivências pelos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta no Município de Piraquê - TO, na região Norte do Estado.

O referido assentamento foi reestruturado há 18 anos com objetivo de remanejar famílias impactadas com a construção da barragem no Rio Tocantins para a Usina Hidrelétrica de Estreito no Maranhão (UHE), no município de Babaçulândia.

Ainda que não haja garantia de fidelidade absoluta aos fatos, suas falas expressam verdades subjetivas que permitem compreender os processos de desterritorialização e reterritorialização, refletindo ainda sobre os comportamentos a reprodução das concepções de controle da lógica econômica capitalista, de articulação, de ideologias políticas, econômicas e sociais.

METODOLOGIA

A pesquisa tem abordagem qualitativa, fundamentada na história oral, considerada não apenas como técnica de coleta de dados, mas a forma de acesso às as diversas possibilidades interpretativas sobre as experiências e significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências.

As informações foram obtidas por meio de entrevistas com questionário semi-estruturado com pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, com destaque para o Sr. Otacílio Reis, elaborador e produtor dos versos e repentes que constitui objeto central da análise. As narrativas foram interpretadas considerando que a memória não é reprodução fiel dos fatos, mas impregnado de subjetividades e ressignificações, que intercalam a construção subjetiva das experiências individuais e coletivas.

A fundamentação teórica foi embasada em autores, como Raffestin, que discutem território, poder e saber, assim como autores que auxiliaram na compreensão e discussão das narrativas, identidade, cultura e memória, permitindo compreender os processos mais amplos de desterritorialização e reterritorialização.

Dessa forma, as interpretações dos discursos não foram vistos apenas como relatos, mas como formadores sociais de resistência, conflitos, disputas e estratégias no contexto rural.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Modo de Vida

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. [...] É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos.
Alessandro Portelli.

O repente é uma expressão integrante da cultura nordestina elaborada, muitas vezes, em versos improvisados, tendo como temática os mais variados assuntos, imortalizando histórias que acontecem ou que aconteceram por muitas gerações.

Esta arte é muito presente no modo de vida do Sr. Otacílio Reis², nordestino do Estado de Pernambuco, as suas narrativas sempre foram marcadas por diversos versos improvisados ou mesmos resgatados de sua memória, outros que deixam vazar uma memória social do repente nordestino, relatando fatos e manifestações ocorridas em sua vida ou apenas fatos que puderam ser observados durante sua trajetória. Existem muitas subjetividades em suas contribuições, que permitiram várias possibilidades de interpretações do contexto social, político, econômico e cultural que envolvem os pequenos produtores de leite desta pesquisa.

Parafraseando Portelli (1996, p. 62), não se tem certeza dos fatos e histórias que foram contadas em repentes pelo Sr. Otacílio Reis e nem mesmo das entrevistas cedidas pelos demais narradores, “[...] mas está contado de modo verdadeiro. [...] dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados com técnicas e procedimentos em alguma medida controláveis.” Até porque nenhum ser humano consegue narrar exatamente o que ou como aconteceu ao que ou como era e, muitas vezes, incorporam em sua memória individual fatos e acontecimentos da memória social do grupo ao qual faz parte.

Os versos do Sr. Otacílio Reis se configuram então, de acordo com Portelli “[...] histórias de construção da subjetividade pessoal através da interpretação da subjetividade dos demais e da dimensão subjetiva das realidades históricas”. (Portelli, 1996, p. 65). No seguinte relato, ele conta um fato que ocorreu em São Geraldo – PA, onde acompanhou a reunião dos produtores de banana da região que teve como pauta a queda do preço da banana.

² Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **ENTREVISTA** [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.). Este pequeno produtor entrevistado tem sua identificação com nome verdadeiro, para dar legitimidade da autoria a todos os repentes e poemas citados nesta dissertação e, também, pela grande responsabilidade de poder eternizá-las e dar-lhes divulgação.

No tempo que o Lima, lá no São Geraldo, foi prefeito. Aí ele jogava. O povo não tinha condição. E pra vende do lado de cá em Imperatriz, São Luiz. Aí não tinha condição. Aí nos tava em comunidade, aonde tem, o povo passa acordado e a gente observando. Aí o Ribamar, um sobrinho meu mais velho, filho da cumade Maria. Ela mora na Piçarra, mãe dele. Disse: _ Gente, vocês para de falar em banana. Que a banana relaxou, a banana caiu, que vocês estão com o gravador. Talvez o homem mais pequeno que tá aqui na reunião com vocês. Ele vai fazer esses versos!

Aí um mineiro por nome Mario. Ele já faleceu! Disse: _ Uai sô! Só acredito se um dia aparece!

Aí foram lá. Aí eu me liguei. É! então, ele disse! então eu não vou deixar o rapaz de mentiroso, não! Aí comecei!

Eu vou lhe contar um causo
 Não me chame de culpado
 Um causo acontecido no Estado do Pará, ou lá perto São Geraldo O povo viaja da Piçarra pra cigana
 Todo homem tá chorando porque caiu a banana Caiu, caiu já não alevanta mais
 A banana dos velhinho, dos moço e dos rapaz

Vocês chegaram num beco sem saída
 Tão de cabeça baixa e a banana tá caída – Refrão

Tinha gente bem de vida, tinha gente quase rico
 O senhor de Ribamar, o Zé Preto e Alderico
 No seu Inácio, esse eu num posso falar
 Que ele é de boa gente, pode brigar com a gente, que é filho do Ceará Refrão

Tinha gente bem de vida que se julgava feliz
 Enchia seu caminhão, pra vender no Maranhão, na capital São Luiz E o resto que não vendia, deixava na Imperatriz

Refrão
 Que tal? (Sr. Otacílio Reis)

Neste caso, Sr. Otacílio Reis, curioso que é, estava ali apenas observando a reunião, pois não trabalhava com este ramo de atividade, mas se sentiu instigado em ter que compor os versos sobre a situação. Interessante, que na sua composição as palavras que mais marcaram o seu entendimento sobre o fato são “a banana caiu” e as pessoas tristonhas com a situação de crise do preço da banana estavam de “cabeça baixa”, utilizando com ironia o tempo todo fazendo analogia ao pênis, enfatizado no verso “Caiu, caiu, não alevanta mais/ a banana dos velhinhos, dos moço e dos rapaz”, ou seja, ao homem sexualmente impotente.

Claro que seus valores de homem nordestino estão intrínsecos nestes versos, pois a disfunção erétil masculina é uma preocupação que está presente na maioria dos homens. Ainda, ressalta que a “banana caída” ou “disfunção erétil” pode acometer a qualquer homem quando diz: “Tinha gente bem de vida, tinha gente quase rico [...] Tinha gente bem de vida que se julgava feliz”, mas demonstra ainda, respeito e cuidado no que falar para não ferir a “honra” de determinados senhores que se fazem

presente na reunião e também por entender que estavam preocupados com a crise do preço da banana.

Assim, somente ao final do repente que Sr. Otacílio Reis se volta para o tema da reunião, a crise da banana, que era a pauta da mesma e explica a dificuldade encontrada pelos produtores de banana para fazer escoar sua produção. Aliás essa é uma característica singular desse narrador: ele sempre responde, por meio da prosa, ao que lhe é perguntado, e mesmo “respondendo” na forma de versos, ressalta sempre em seus repentes características típicas da cultura popular nordestina quais sejam: a dubiedade, a jocosidade e uma certa libidinosidade.

A seguir, o repente do Sr. Otacílio Reis revela em seus versos sua identidade da cultura nordestina, carregada de simbologias e significados, do seu modo de vida relacionados à terra, às relações do convívio social, político, econômico e cultural.

O cara lascado da vida. Aí convida a mulher pra engendrar na mata.

Mulher vamo pra mata, vamo plantar batata
 A batata é a mandioca da farinha da tapioca
 Dá um bolinho gostoso, do jeito que o povo gosta Mas a Brasília, capital
 Federal
 Onde tem os ministros e também o general Onde tem o senador, e o Governo
 Federal Precisam de farinha pra manter seu pessoal Rio Araguaia é um rio
 bonito
 Já construíram uma ponte na cidade Conceição Onde tem o sindicato, tem
 que ter a união
 Seu Salomão me convido meus irmãos Vamos lá pro roçado fazer um
 mutirão
 Plantando milho, arroz e um pouquinho de feijão Plantando banana e um
 pouquinho de mamão Mas Seu José, vamo plantar o café
 Seu Nicolau vamo planta o cacau
 Você precisa de farinha pra fazer o seu mingau O povo rico que não tem
 imaginação
 Só aplanta o capim³ Mombaça e brachiarão

Pra criar gado de raça, para viver por bom milhão Eu planto mandioca
 porque tenho precisão
 A mandioca é boa de se rapar A mandioca é boa de farinhar
 Dou um alô pra Brasília e volto pra esse lugar
 Me desculpe companheiro porque eu não sei cantar
 Sou um papagaio velho só aprendi a gaguejar. (Sr. Otacílio Reis)

No início dos seus versos, convida a mulher, na figura da esposa, para “plantar batata” deixando claro o caráter familiar do seu modo de produção agrícola, mostrando ainda que esse sistema é que mantém a alimentação do povo brasileiro, desde os mais pobres às mais nobres autoridades de “Brasília, capital federal”, pois é com a farinha de mandioca que é possível fazer o bolo e a tapioca. Faz ainda referência a união do trabalho comunitário em forma de mutirão, chamando a atenção para não

³ Mombaça e brachiarão são os nomes das gramíneas capins utilizados para alimentar o gado de corte.

deixar desaparecer o modo de vida tradicional e enfatizando a possibilidade de manter subsistência alimentar do pequeno produtor que, muitas vezes, se torna refém dos desgastes causados ao solo mediante a intensificação das monoculturas e do plantio de capim de qualidade para alimentar o gado do agronegócio exportador.

Com isso, faz alusão sobre a carne de gado, tipo exportação; é um alimento acessível apenas aos ricos que podem pagar o “bom milhão”. O povo rico, para ele é o agroexportador que “não tem imaginação”, que só cultiva em suas terras monoculturas que não alimentam o povo brasileiro. Para facilitar a localização a que se refere, apresenta o município de Conceição do Araguaína do Estado do Pará e faz referência do ponto geográfico, além de mencionar alteração da paisagem natural com a construção da ponte do Rio Araguaia. No final, o Sr. Otacílio Reis se apresenta como uma pessoa humilde que disfarça sua sabedoria, conhecimento e consciência crítica sobre os assuntos políticos e econômicos do país.

Ou seja, a partir de suas vivências, tendo como base as condições de vida e trabalho, os produtores, por meio de linguagens diferenciadas possibilitam compreender seus processos de desterritorialização e reterritorialização. É na interação entre elementos constitutivos internos de todos os envolvidos no espaço geográfico e o poder de influências externas, referentes ao poder de Estado que estabelece, define e executa medidas que viabilize estratégias com vistas ao desenvolvimento do território que se revelam por meio dessas linguagens os interesses diferenciados, dos pequenos produtores por um lado e da cooperativa, por outro.

As relações estabelecidas e as práticas sociais formam um conjunto de discursos dando visibilidade aos agentes-atores envolvidos no território. Cada discurso é formado por enunciados carregados de concepções de controle, de articulação, de ideologias políticas, econômicas e sociais, e que reproduzem os comportamentos “adequados” de ordenação do território.

Toda produção do sistema territorial determina ou condiciona uma consumação deste. Tessituras, nodosidades e redes criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos que os indivíduos e os grupos devem assumir. Cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem (Raffestin, 1993, p. 161).

Logo, é importante compreender que qualquer abordagem de conceito do território presume a delimitação de imprecisos limites administrativos e a existência de fronteiras, sustentado por ações e/ou comportamentos sociais para articulação

das atividades e ações direcionadas na construção e formulação de políticas públicas territorializadas.

É no território que se torna possível viabilizar as potencialidades do exercício do poder político ou econômico, permitindo a manipulação de informação, os sistemas de inovação e a participação social, no qual também ocorre o crescimento econômico produzindo emprego, estabilidade social e política e, ainda, as manifestações e práticas culturais, ou seja, se enquadra no produto de toda produção humana efetivada no espaço. (Raffestin, 1993). Ainda segundo o autor, concordando com Foucault, afirma que “[...] o poder se manifesta na ocasião da relação [...]” de construção do território, exercido através do saber pelas pessoas e grupos.

No caso do Assentamento Santa Marta está ocorrendo uma disputa de saberes, com vistas ao controle desse território: de um lado a Vallecoop, irmanada com as instituições representantes do Estado, Incra, Adapec, Ruraltins, e o Senac representando a iniciativa privada que prestam “assistência e suporte técnico” aos assentados. Assistência que se resume, quase que exclusivamente aos enunciados ideológicos que sustentam a lógica de produção capitalista. Do outro lado, nossos narradores que deixam vaziar em suas narrativas a luta pela manutenção de saberes oriundos de um modo de vida tradicional que está sendo desestruturado pela intervenção dessas instituições. Assim, neste emaranhado de relações sociais e de poder fecundam a construção do território e controle dos espaços.

Sendo toda relação um lugar de poder, isso significa que o poder está ligado muito intimamente à manipulação dos fluxos que atravessam e desligam a relação, a saber, a energia e a informação. Manipulação? Isso quer dizer formação, acumulação, combinação e circulação da energia e da informação implicadas pela existência de um campo relacional, qualquer que seja. [...] O laço entre o poder e o saber é evidente, mas não há nem informação pura nem energia pura. [...] O espaço-tempo relacional é organizado pela combinação de energia e informação” (Raffestin, 1993, p. 53 – 54)

Assim, verifica-se que território, poder e saber estão intrinsecamente relacionados, onde existem subordinação e dominação nas ações e que, muitas vezes, possibilitando a sujeição de determinados indivíduos, ou seja, a possibilidade do poder se constrói no território. Como bem nos asseguram Raffestin (1993) e Haesbaert (1997, apud Saquet, 2007, p. 136) que o território é “[...] num conjunto de obras e relações sociais, historicamente definidas, que se desterritorializam e se reterritorializam [...]”, atrelado as relações políticas, econômicas e culturais conjuntamente com os movimentos sociais.

De fato, com a distribuição das terras do Assentamento Santa Marta, que antes era uma fazenda e foram previamente reguladas pelo Estado, sendo utilizado pela

ação governamental para condicionar os processos políticos e econômicos para compensar a incapacidade do mercado. Assim, projeta externalidades numa malha de unidades políticas e de infraestruturas imateriais e materiais a fim de sustentar a disponibilidade de bens públicos com vistas ao desenvolvimento territorial (reterritorialização). Evidentemente tal desenvolvimento procura atender aqueles que têm mais poder, ou seja, aqueles que melhor articulam o poder econômico com o poder político.

Santos (2006, p. 225), afirma que o território é “[...] o espaço de articulação e de intervenção do governo na qual se pretende estimular o desenvolvimento por meio de oportunidades coletivas econômicas, políticas e sociais, através da institucionalização de políticas públicas [...]” e para tanto, só se torna um conceito em si quando analisado socialmente pressupondo sua utilização pelos atores envolvidos.

A força do poder que envolve os atores sociais pode sofrer influências internas e externas, estimulando reações sociais decisivas no ordenamento das práticas territoriais e definem posições de interesses diferenciados no contexto político-econômico-social.

Para os atores que detém o território pode ser um trunfo de poder concretizando várias possibilidades resultantes da apropriação e utilização dos recursos existentes, modificando as relações existentes, produtivas, existenciais, da natureza ou sociais, e até se “automodificando”, no intuito de manter a posse do território e defendê-lo. No caso do Assentamento para o termo “automodificação” as aspas não resolvem, pois entende-se que as ressignificações promovidas pelos narradores no seu conjunto de significados e valores, em grande parte, revelam que sua autonomia está paulatinamente sendo restringida e se estão se “modificando” o estão de acordo com a lógica de produção que lhes é imposta.

Neste sentido, o território não pode ser entendido apenas na delimitação de área perimetral, nem tão pouco como o gueto ou uma parcela de terra. A reflexão exige a consideração da dinâmica social em sequência das relações entre os que nela vivem e de outros territórios. Assim, a construção do território em questão foi influenciado, principalmente pelas atividades agrícolas desenvolvidas pelas políticas públicas de desenvolvimento regional, pelas transformações ocorridas nas cidades e pelos hábitos de consumo dos pequenos produtores assentados, constituindo assim o reflexo das transformações ocorridas no espaço.

É fundamental entender que espaço antecede ao território, porque este é gerado a partir do espaço, constituindo o resultado de uma ação conduzida por um ator que realiza um programa em qualquer nível. [...] o território é

a prisão que os homens constroem para si, reorganizando as condições iniciais (Raffestin, 2008, p. 26).

Pressupõe-se que os narradores se utilizam da combinação dos elementos compreendidos dos diversos sistemas e dos resultados da sua experiência anterior para dar significado a continuidade ou a reterritorialização no processo de produção territorial, conduzindo ações de elaboração, modificação ou, simplesmente, de destruição. Em sua estrutura, o território deverá resultar em paisagem a partir da “intermediação da imaginação condicionada de um mediador peculiar” (Raffestin, 2008), ou seja, a paisagem será criada através da observação daquele que vive no território, das experiências vividas neste lugar, das transformações que incorporou ao espaço para atender suas necessidades básicas no processo de territorialização.

Este aspecto é observado na entrevista com o Sr. Otacílio Reis⁴, o qual se utiliza do cruzamento da percepção de um espaço material e sua observação ele expressa num misto de sentimento e razão traduzindo em paisagem os significados éticos da realidade e manifestação de esperança de viver harmonicamente.

Tiraram a presidente, mas eu tenho um repente que fala sobre a lei da Maria da Penha. Quer escutar aí? A mulher hoje tem mais curso que os home. Aí, eu não apoio ter tirado a mulher não. Porque é de bota um corrupto. A mulher tava pro lado dos aposentado e dos seres humanos. Ela tava melhor. Aí eu levo assim:

Começou novo milênio, começou a tribulação
Tem acidente de moto, de carro e de avião
Os ponteiro do relógio, já não tem sossego não
O horário do inverno, tão passano pra verão
O João passou ser Maria, Maria passou ser João
De nascente a poente, tudo ficou diferente, no costume do sertão
Ninguém sabe quem é Maria, ninguém sabe quem é João.
A lei Maria da Penha, no congresso já aprovou
O cara que bate em mulher, agora já se lascou!
Tem mulher falano alto, igual som de sino
Já tem cara humilhado, que parece um viado, que parece um cretino
Do jeito que as mulher gosta, dá um tapinha na costa
Ainda chama mofino.
O homem faz projeto e a mulher mete o protesto
E questão vai terminar, pois já sai tudo assinado
Lá do centro do congresso
Ninguém sabe o que é errado, ninguém sabe o que é certo
Meu nome é Otacílio, meu nome não é Roberto. (Sr. Otacílio Reis)

Nestas expressões, é construída a paisagem, que faz transparecer sua cultura, as marcas das relações entre o material e as relações humanas, e ainda, a elaboração de uma consciência crítica política e econômica do país.

Começar o novo milênio, para qualquer cristão, significa passar para um novo período que será contado mais mil anos, mas para o Sr. Otacílio Reis significa iniciar um período de mudanças e de preparação no planeta criado por Deus, para a volta de

⁴ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min e 38 seg.).

Jesus Cristo, período que a terra sofre pelo pecado cometido pelos homens e com isso sofre tribulação, ou seja, em seu repente há uma clara alusão ao apocalipse, interpretado pelo viés do catolicismo popular, típico da cultura nordestina.

Ele denomina como “tribulação” a todas as suas angústias, aflições ou sofrimentos como castigo de Deus, decorrentes da modernização e maldade dos homens sobre a Terra, que o pressionam a enxergar as coisas por um outro viés, o de um mundo mais “moderno”, que não é o mesmo pelo qual foi instruído e que construiu seus valores. Nesta expressão também carrega um sentido bíblico de cunho cristão, referindo-se a “volta de Jesus” e ao “julgamento final de Deus”, expondo como consequências das atitudes dos homens, os “acidentes” e as alterações climáticas, fazendo o tempo “não [ter]⁵ sossego não” devido a agilidade com que o tempo está passando e estão alterando o “costume do sertão”. E ainda, reflete estranheza e até certo preconceito quanto à orientação sexual das pessoas que são homossexuais, não com desrespeito, mas vê que “tudo ficou diferente”.

Embora seja a favor da Lei Maria da Penha no seu entendimento “Já tem cara humilhado” aludindo machismo e tradicionalismo na relação homem mulher. Já quando afirma que o homem é “chamado de mofino”, Sr. Otacílio Reis, dá um sentido dúbio ao interpretar tal expressão, pois entende-se que, ou o homem, ao bater em mulher é um covarde, ou ao ser julgado pela lei se tornou um homem sem ação, inoportuno, infeliz e “desempoderado”.

Observamos que sempre existe um ponto de partida para que o território se torne paisagem, que não é necessariamente o outro território do processo de desterritorialização, ou mesmo outro estado de natureza, mas que confere a relação entre o passado e o presente, reveladas no território como continuidade das estruturas. Assim, o Sr. Otacílio Reis possui uma percepção representativa em relação aos pequenos produtores, pois o território agrícola produzido constitui apenas o mundo material e que pode se tornar “matéria-prima” para construir a imaginação, conforme afirma Raffestin (2008).

Os territórios constituem o mundo material percebido e se tornam a “matéria-prima” oferecida à imaginação, para ser “trabalhada” e produzir imagens ou representações que podem ser manifestadas através de diversos tipos de linguagem: a língua natural para uma representação literária, a linguagem gráfica para o desenho e pintura, a linguagem plástica para a escultura, a linguagem sonora para uma representação musical, as diversas linguagens, simbólicas, lógico-formais e/ou matemáticas (Raffestin, 2008, p. 33).

⁵ Grifo nosso.

A imaginação encontra terreno fértil na reflexão do sujeito, criando a existência de uma paisagem, que para Raffestin (2008), é “[...] uma obra do homem, um fato autenticamente geográfico [...]” produzido através de “[...] imagens da realidade e, também, fatos pictóricos, literários e, provavelmente, musicais [...]”. Essas representações nada mais são que algo advindo da “cultura linguística” do autor, capturadas no olhar peculiar de uma reflexão toda sua, carregado de temporalidade e das diversas interferências rurais que estão no seu cotidiano.

Em outro trecho da entrevista com o Sr. Otacílio Reis⁶, ele interpreta um repente, aumentado ainda mais a complexidade de seu olhar, pois sugere algo que ultrapassa a paisagem visual, revelando seus conhecimentos sobre espaço geográfico e das histórias relatadas na Bíblia e que lhe dá conforto para os momentos de desamparo e dificuldades da vida rural.

Agora eu vou cantar uma que chama os 4 pontos cardeais. Eu sou crente!

De norte a sul, de nascente a poente
 Samo a semente de gente, de uma nova geração (bis)
 Essa semente é descendente de Abraão
 Por causa dessa aliança, nós todos samos irmão É Deus da vida, de Isaque,
 de Jacó de Abraão
 É Deus de todo Deus, é Deus da criação
 É Deus de José, de Moisés e de Aarão (bis)
 É Deus de Daniel e de Davi e de Salomão (bis) É esse Deus que me deu a
 vocação
 Que invés de eu chorar, eu cantar esse refrão Pra minhas irmã e meus irmão
 Quem chora hoje, amanhã vai se alegrar
 Quem espera em Deus, nunca vai se atrapalhar Que tal? (Sr. Otacílio Reis)

Os quatro pontos cardeais que o Sr. Otacílio Reis utiliza-se neste repente, além de fazer referência a um recurso de orientação muito utilizado pelo homem nos mais diferentes períodos históricos, também possuem a intencionalidade de afirmar que por toda parte do mundo existem os “descendentes de Abraão” e assim, “nós todos samos irmão”, conforme o trecho da Bíblia a seguir.

Quanto a mim, eis a minha aliança contigo: serás o pai de muitas nações; E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai de muitas nações te tenho posto; E te farei frutificar grandissimamente, e de ti farei nações, e reis sairão de ti; (Gênesis 17:4-6)

O repente do Sr. Otacílio Reis, também expressa a cultura imaterial carregado de simbologias que envolvem este pequeno produtor e que dão sentido para sua vida, para o seu mundo, na sua crença de “aliança” dos descendentes de Abraão formando a irmandade com os cidadãos da igreja, enfatizando sua religião e sua fé para “Quem espera em Deus”.

⁶ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. Entrevista. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min e 38 seg.).

Para Castells (2006, p. 23),

A construção de identidade vale-se da matéria-prima fornecida pela história, a geografia, a biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

São, pois, por meio desses substratos de sua personalidade, construída ao longo de uma vida árdua, que o Sr. Otacílio Reis constrói paisagens por meio de seus versos, ora uma paisagem mais ficcionalizada servindo-se do substrato religioso construindo uma união entre os sujeitos, ora com mais materialidade mobilizando substratos do espaço geográfico e de suas vivências nesse espaço. E, ao fim e ao cabo, a expressão “Que invés de eu chorar, eu vou cantar esse refrão” denota a utilização de um saber específico de sua cultura nordestina, o repente, para “amenizar” as dores experimentadas no processo de reterritorialização no assentamento, bem como os processos de desterritorialização experimentados ao longo da vida.

Já completou dois milênio
Que Jesus visitou a Terra (bis)

Ele veio trazer a mensagem
Deixando a semente da paz
Ele num vei faze guerra

Aleluia, aleluia, aleluia
Dou glória o meu Salvador
Jesus, é o príncipe da paz e da luz Jesus,
Ele é o bom pastor – Refrão

Já chegou o princípio das dores
Começa a tribulação (bis)

Tem Estado arrasado por água
E outro sofrendo o verão
Já tem, tremores de terra
Rumores de guerra
Vamo prestar atenção

(Refrão)

Já tem reino contra reino
Nação contra nação
Já tem filho contra os pais
Irmão contra os irmãos

Olha o evangelho anunciando no deserto
A vinda do Filho está perto
Vamo viver em oração

(Refrão)
(Sr. Otacílio Reis)

Neste outro repente de sua autoria, Sr. Otacílio Rei⁷, demonstra ser conhecedor dos escritos bíblicos que preconizam o retorno de Jesus Cristo à Terra, assim como seus feitos e todos os exemplos e atributos deixados por Ele. Também enfatiza, seus valores religiosos pautados na crença do “Salvador”, “Jesus, é o príncipe da paz e da luz”, como o “bom pastor” como a única esperança por um mundo de paz, sem “rumores de guerras” e contendas familiares.

Neste sentido, para ele é importante “viver em oração”, ou seja, orando sempre como foi “anunciado no deserto” e que é a melhor maneira de se preparar para “a tribulação” e suportar os diversos males e contendas que atualmente assolam a humanidade, que fazem com que “irmão [seja]⁸ contra irmãos”, “filho contra os pais” e que ameaçam verdadeiramente a paz. Nesse sentido, suas crenças religiosas funcionam como um lenitivo para as agruras de um mundo “modernizado” que coloca em xeque os valores tradicionais da cultura nordestina pela qual é orientado.

Raffestin (2008), afirma que assim como “[...] existe uma historicidade do território material, também há uma da imaginação, pois as mediações utilizadas para decifrar a realidade [...]” revelam-se como manifestações extraordinárias com fundo histórico, fantástico ou mesmo moralizante de territorialidade que raramente são explícitas.

Já Portelli (1996, p. 70), abre outras possibilidades de interpretação desses versos do Sr. Otacílio Reis, visto que seus relatos orais e a suas memórias o remetem a ser representativo em relação à subjetividade social comungada aos demais pequenos produtores de leite. Assim, “[...] no plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável [...]”, é construída a complexidade dessas possibilidades imaginárias.

A seguir será apresentado mais um repente interpretado pelo Sr. Otacílio Reis, que mobiliza elementos da memória social para representar as vivências e os valores contidos na realidade vivenciada dos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta.

Se já viu eu fala dos home que aplanta só o capim? Pois vou cantar aqui.

Alô amigo, é triste a situação
Os pobre que morava no roçado,

⁷ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

⁸ Grifo nosso.

tá mudando pra cidade, tá vivendo na invasão
Trabalha de boia fria, é triste a situação

Estão colhendo arbusto, para mim chegou ao fim
Pelo jeito que se vê, o povo vai comer capim (Refrão)

Quando for de manhã cedo, na hora de levantar
A semente do capim, vai ser café para tomar
Na hora do almoço, o Pangola, Jaraguá, Colonião e Mineirão vai ficar pra merendar
Na hora da refeição, Brachiaria e Mombaça deve estar
É famoso em vitamina para o povo reforçar
A grama vai ser papinha, pro menino desmamar Refrão

Alô amigo, como é que vai ficar?
A carne nois num come, num damo conta de compra
O leite, o caminhão, todo dia vem buscar
Num pudemo pranta roça, como é que vai ficar?

Refrão (Sr. Otacílio Reis)

Nos versos deste repente seu Otacílio Reis⁹, que se apropria de elementos comuns ao repente nordestino, interpretando-o a partir de sua própria experiência, deixando vaziar sua indignação em relação à expansão do agronegócio e a pecuária de corte, pois agora se vê subordinado ao capim, tal subordinação não apenas se refere a diminuição no tamanho da terra como ao espaço destinado para plantar, parafraseando Woortmann, exigindo readaptação dos pequenos produtores em o que plantar, mas [...] também pelo fato de “ a terra de trabalho vai sendo “fechada” pela pastagem [...]” (Woortmann, 1983).

Com isso, denuncia que muitos agricultores estão “mudando da cidade, tá vivendo na invasão”, sendo obrigados a enfrentar grandes dificuldades de adaptação nas cidades, morando nas ruas, aumentado inclusive os problemas sociais ligados a marginalização, já que a pouca escolaridade e a baixa qualificação não permitem conseguir um emprego que os sustentem de forma digna, sujeitando-se em muitas vezes, a trabalhar de “boia fria” ou qualquer atividade que garanta pelo menos a alimentação.

No refrão, o “Estão colhendo arbusto, para mim chegou ao fim, pelo jeito que se vê, o povo vai comer capim”, Sr. Otacílio Reis notadamente retrata o desperdício de terras que são utilizadas para plantar capim, que podiam ser aproveitadas para plantar legumes, verduras e hortaliças, uma vez que o plantio de alimentos é a base da agricultura familiar.

⁹ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

Neste sentido, ele se recorre da desestruturação de um modo de vida que lhe é caro, pois é recorrente na fala dos narradores, assim como na dele o “não dá mais”. Tal expressão se refere a não ser mais possível realizar cultivos diversificados, devido às imposições para a produção do leite que exige muito espaço para o cultivo do capim e dispêndio de tempo para a lida com o gado. O mais interessante aqui é como o mesmo problema é narrado por dois sujeitos tão diferentes, em linguagens também diferentes e chegando-se às mesmas conclusões. Um pequeno produtor iletrado e um “cientista social”.

Com a pecuária, “o capim tomou conta de tudo”. Se as formas anteriores de acesso subordinado às soltas não interferiam no processo de trabalho nem impediam a reprodução continuada da lavoura camponesa, agora não só a lavoura se vê subordinada ao capim — pois é este que ocupa posição hegemônica no sistema. [...], determinando inclusive o espaçamento entre os legumes [...] Com isto, muitos sítios, com suas terras desgastadas, vão se tomando inviáveis, e se acentua o processo de diferenciação social [...] (Woortmann, 1983, pP. 213-214).

No caso, o Sr. Joca que é vizinho do Sr. Otacílio Reis, também reconhece essa desestruturação do modo de vida rural, enfatizada em sua fala culpando principalmente os “maiores” no uso da terra para o plantio do capim.

Aquela história que Sr. Otacílio fala o negócio da cantiga dele do capim é coisa mais verdade que existe. Que nós tamo vendo tudinho. Que está acontecendo é aquilo mesmo. Que os cara esses maior aí, eles percebe só de plantar capim. É igual ele fala que vai comer a semente do capim de papa e não sei o que. É tudo verdade mesmo o que ele fala (Sr. Joca).

Para além da percepção dos impactos de degradação ambiental o Sr. Joca reconhece em seu vizinho Otacílio Reis, um portador de um saber, sobre essa desestruturação vazada na frase: “É tudo verdade mesmo o que ele fala”. Estes pequenos produtores rurais são forçados a enfrentar graves problemas mediante as transformações das atividades humanas e intensificação de novas técnicas, causando prejuízos irreversíveis ao meio ambiente e que alteram o ciclo natural das plantas, afetando assim a qualidade de vida desses sujeitos.

Lembro, muito bem. Eu nunca vi o papai jugando um bomba de veneno no mato pra poder colher uma roça no meio. E colhia bem. Agora nos tem esse dificuldade aqui por que? É porque aqui já foi fazenda, entendeu? Era fazenda de cria gado mesmo, fazenda grande aí ficou aí e depois o Inca comprou. Desmatado muitas vezes. Aí muita vezes você uma terra dessa boa, se você não adubar ela você não colhe um legume bom. E de primeiro não, tudo bem você devorava a mata, plantava uma roça lá naquela mata. Quando queimava bem muitas vezes se plantava o arroz e colhia sem fazer uma limpa. Aqui se você limpa só duas vezes e olha lá para você colher ela no limpa. Aí é veneno nela. É assim!¹⁰

¹⁰ Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

Na fala do Sr. Moacir, acima, também está presente a queixa das dificuldades impostas pelo agronegócio e os diversos impactos em seu modo de viver, pois percebe a dificuldade em cultivar suas terras por conta da degradação ambiental existente, devido a intensificação do uso de agrotóxicos utilizada para amadurecer a soja nas fazendas vizinhas que afetam a terra, a forma de plantar, o tempo de colher e até a saúde desses sujeitos. A terra responde aos impactos da degradação, sendo necessário limpar muitas vezes e até fazer uso de veneno para poder plantar e colher.

Mas o pequeno ele é ruim por causa do veneno. O maior atrapalho nosso é o veneno. Porque toda doença vem do veneno. Hoje as água tudo é contaminada. O peixe você vai criar o peixe você tem que cuidar e se não cuidar eles morrer. Tudo é por causa do veneno. A soja começou a amadurecer eles joga veneno pra seca, dessecar ela. Ali já vem a doença pro pequeno, pro produtor e pra nós que compra a casquinha, o farelo pra dar pras vaca, já vem também pro leite. Tudo vem do veneno. Não tem pra onde. Se nois come a carne tem o resíduo do veneno, se vem come o leite, tem o resíduo do veneno. Então eu acho que é bom por umas parte e é ruim por outras. Que na verdade hoje, é todo no geral os assentamento é muito desmatado. Não é só os assentamento não, é as fazendas também. E hoje, se nós num proteger as nascentes, eu vou botar longe, daqui há uns 10, 15 anos. Eu acho que não chega a isso. A gente vai entrar numa seca muito grande.¹¹

Na fala do Sr. Jânio existe a consciência de que qualquer situação que afete sua vida, também poderá afetar a vida dos demais assentados, deixando transparecer o sentido de respeito básico pelos outros, compaixão, partilha e até empatia, pois viver coletivamente pressupõe enxergar o outro que está ligado diretamente consigo. Em seu relato, deixa evidente os impactos sentidos, pois não consegue plantar denunciando a má qualidade em que se encontra a terra em consequência do uso intensivo do veneno pelos fazendeiros da região. Profetiza períodos drásticos de seca, falta de água potável em alguns anos, doenças e outras possíveis mazelas se continuarem com as mesmas práticas devastadoras. Novamente, percebe-se uma tensão, fruto da contradição, entre o apego a um modo de vida tradicional e a necessidade imposta pela relação com a Vallecoop no processo de reterritorialização no Assentamento Santa Marta.

Hoje aqui eu tenho um bucado de amigo meu que plantava melancia. Plantava, plantava. Mas tá parando de plantar. Porque não tá dando. A melancia nasce, começa a iramar e morre tudinho. Não é seco. Eu digo que é por causa do veneno. Eu acho que é. Não sei. Isso depende dum técnico pra fazer um exame, análise do solo. Essas fazenda mesmo. Aqui tem uma fazenda grande aí. Que todo ano eles passam uma semana todinha jogando veneno nos pasto de avião. E é nas cabeceiras dos córregos. Aqui mesmo

¹¹ Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

bem de frente, na beira desta BR aí. Pau grande, do tamanho daquele lá. Morre tudinho. A gente fica triste.¹²

Nos versos do repente sobre o capim do Sr. Otacílio Reis, já ficava subentendido a existência de tecnologia avançada voltada exclusivamente para o cultivo do melhor capim, afim de aumentar cada vez mais a produção de leite e de gado de corte de qualidade. Os melhores espaços são destinados para criação do gado escolhidos pelo próprio Estado, sendo reservadas as terras improdutivas para os assentados. Ou seja, esses dois pequenos produtores, por meio de linguagens muito diferentes expressam a mesma contradição, o conflito, a mesma tensão gerada entre um modo de vida tradicional que os formou e a lógica produtivista de mercado preconizada pela cooperativa.

Este aspecto, também é relatado nas falas do Sr. Moacir a seguir.

Hoje tá tendo dificuldade de você formar uma terra, numa região principalmente nessa nossa aqui. Se você não cuidar dela com veneno, você não dá conta do mato. E aí é aonde nos acabamos com a terra, porque o veneno você sabe, tá envenenando né. Aí o pessoal diz assim: Esse veneno num vai afetar a terra! mas vai. Nunca meu pai fez isso. Então hoje é assim. Hoje a verdura que nos come a maioria dela é com veneno, a soja hoje, até para ela amadurecer, ele joga o veneno para ela amadurecer mais rápido. Então eu vejo esse lado aí que nos hoje vevi mais doente eu acho que é o veneno.¹³

Em outras estrofes do repente sobre o capim, o Sr. Otacílio Reis utiliza-se de ironia e satiricamente apresenta um cardápio diário com os diversos tipos de capim dos mais nutritivos em “vitaminas para o povo reforçar” e nem a criança ficará de fora, pois “a grama vai ser papinha”, queixando-se ainda, que “a carne nois num come, num damo conta de compra”, na qual o preço é exorbitante e também em pensar que não pode ter acesso aquela carne produzida, uma vez que até o leite que ele mesmo produz, “o caminhão, todo dia vem buscar”.

O leite produzido por esses pequenos produtores é entregue diariamente no tanque de resfriamento, localizado na propriedade do Sr. Jânio e coletado pela Cooperativa Vallecoop. A articulação realizada junto aos pequenos produtores teve inicialmente como garantias a promessa de comercialização do leite, controle de atravessadores na comercialização e assistência técnica, que aos poucos vêm sendo menos frequentes. Esse modelo de associativismo, na verdade instaura uma nova modalidade de subordinação capitalista e expansão do agronegócio, tornando o

¹² Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

¹³ Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

pequeno produtor dependente da Vallecoop, incentivando uma busca pela alta produtividade e a monocultura do capim, desestruturando as atividades tradicionais de produção de alimentos, levando-os a crer que para produzir mais, a melhor coisa seria investir em tecnologia para poder ter lucros, conforme a lógica capitalista.

[...] onde o capitalismo se implanta, onde o mercado começa a dominar a vida social, onde a racionalidade econômica toma conta do comportamento dos indivíduos, os laços comunitários acabam por perder seu poder agregador e os camponeses vêm desvanecer as bases objetivas de sua própria reprodução social (Abramovay, 2007, p 56).

Neste sentido, esses pequenos produtores vivem desafios e dilemas frequentes. Precisam produzir mais para conseguir ao menos manter o gado alimentado, por outro lado, para não romper com sua herança rural, tentam a todo custo rememorar suas referências para orientar a determinação de suas práticas no presente.

No relato do Sr. Moacir, um dos pequenos produtores que prefere fazer queijos e doces com o leite que produz ao invés de entregar no resfriador da cooperativa, observa-se também esta ideia de subordinação, mediante a imposição da alta produtividade e qualidade.

Eu vou ser sincero com você. Eu hoje se fosse para eu mexer só com leite pra cooperativa, eu tinha que me preparar mais. Seria eu ter mais pasto, eu fazer um pasto para eu ter um manejo. E me preparar para eu ter um milho para fazer ração, a cana pra fazer ração. Porque aí eu tinha que me preparar pra cuidar bem dessas vacas, pra mim ter um retorno. Propriedade de 7 alqueire e meio. Seria possível só teria que reestruturar. É porque assim, eu tenho um, eu vi um cumpade meu fazendo uns piquete na propriedade dele, ele tem 10 vacas, ele tira 100 litros de leite de verão a inverno, 100 cento e pouco, tirando as despesas. Mas 100 é batido. Ele tem 21 piquete, ele me chamou pra mimir lá, eu fui. E as vaca só come um dia no piquete. Ele tirava uma faixa de 60, 70 litros. Hoje ele tira 100 e o gado é mais gordo. Ele fez 21 piquete, quando chega com 21 dia, ele torna a fazer o manejo de novo. E tem a ração. As vaca não dorme no piquete, só passa o dia. No período chuvoso elas dorme, no período do verão elas dorme numa remanga. Aí ele preparou um barracão. Aí ele faz o milho, ele faz a ração pra quando chega a época da seca ele ajuda. Aí ele dorme com elas numa remanga. Fez uma cobertura e botou os coxo e a água. Aí lá eu fiquei curioso com aquilo. É pouco terreno e a produção é maior.¹⁴

Reestruturação e retorno são duas palavras que definem bem a ideia imbuída na lógica capitalista e passam a reforçar o desejo de boa parte dos pequenos produtores. Reestruturar o terreno, o cultivo, a vida e até os valores para ter retorno financeiro.

¹⁴ Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

Nos versos sobre o capim do Sr. Otacílio Reis, além da denúncia da subordinação desses sujeitos aos avanços do agronegócio, sobretudo ao que diz respeito a degradação do meio ambiente e enfraquecimento das terras, também são rememoradas as vivências sociais dos pequenos produtores quando afirma: “não pudemo pranta roça, como é que vai ficar”, referindo-se a um tempo e a um modo de vida em podiam plantar todo e qualquer alimento que precisavam para subsidiar as suas famílias e até venderem, complementando assim a remuneração com menor índice de desmatamento e sem uso de venenos ou agrotóxicos.

No modo de vida tradicional, fazer mutirão para plantar roça, tratava-se de uma prática bastante recorrente. O mutirão resolvia o problema de escassez de mão de obra na comunidade, quando um morador solicitava dos vizinhos e parentes para ajudar nos trabalhos atrasados, oferecia-lhes um almoço e, muitas vezes, ao final do dia tinha uma festividade. Nos tempos atuais, esta prática tem sido cada vez mais rara, pois o individualismo e a concorrência estão arraigados entre os pequenos produtores, como mostra o relato a seguir.

Os vizinho ajuda assim. Se você vai vacinar um gado, ou mudar de um lugar pra outro, ou buscar de algum lugar. Mas agora nas tarefa do dia-a-dia tem que ser pago. Num tem aquele grupo porque eu vi muito pai, na época de derrubadada roça de machado, juntava os vizinho tudinho e ia ajuda a derriba lá. Aí juntava tudinho ia derriba a dele. Aí juntava tudinho e ia derriba do outro. Isso não existe mais.¹⁵

O Sr. Moacir lamenta o fato de não existir mais esta prática, pois a voluntariedade do mutirão desempenhava um papel importante nas relações da vida rural, visto que se expressava, aí, um sentimento de solidariedade, de amizade e de companheirismo, já que o mutirão poderia ser organizado por alguém que percebesse no outro a falta de mão de obra ou até mesmo dificuldades financeiras em executar um serviço. Como na seguinte fala do Sr. Moacir que relata intrinsecamente a dificuldade financeira de contratar um serviço, que em muitas vezes, deveria ser algo especializado, mas acaba o executando para economizar.

É assim, muitas vezes eu não posso pagar uma diária aí eu tenho que fazer ela. É roçano pasto, fazendo cerca, é olhando um gado, mudando de um lugar pra outro. Quando aparece uma viajinha, eu paro lá vou fazer aquela viajinha no caminhão.¹⁶

O território do assentamento é entendido como o lugar das “vivências significativas”, formado através do processo que constitui o movimento social, onde

¹⁵ Id, 2017.

¹⁶ Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

os indivíduos identificam a posse da sua propriedade e, a partir daí, fixam seus lugares, as suas culturas e os seus modos de viver, criando assim territorialidades e identidades subjetivas que extrapolam as proporcionalidades no sentido político, cultural, econômica e social. (Medeiros, 2008).

Os grupos humanos têm uma necessidade profunda de criar raízes em lugares específicos. As formas desse enraizamento são múltiplas [...] A memória coletiva é, sem dúvida, uma das maneiras mais importantes pelas quais os povos se localizam num espaço geográfico. (Little, 2002, p. 6).

Nesse sentido, para fazer frente às imposições externas que interferem em seu modo de vida tradicional, os assentados, que experimentam a dominação simbólica por meio do discurso autorizado da cooperativa, os narradores, em especial o Sr. Otacílio Reis, recorrem à memória social que deixa vazar pela oralidade os elementos internos constitutivos de uma cultura mais tradicional que os formou fazendo ressaltar aspectos de suas vivências, até mesmo aqueles se pretende silenciar.

Nos relatos do Sr. Otacílio Reis, que ele chama inicialmente de jornada, verbaliza “[...] eventos, imagens, símbolos, raciocínios e sentimentos profundamente enraizados na memória coletiva [...]” (Amado, 1995, p. 130 – 131) de sua origem nordestina e, também, dos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta.

Eu sou de 1935, dia 03 de maio. A primeira jornada que eu vou dizer. Quando eu era menino, ameninado, meu avô, que ficou no lugar de pai de criação. Que eu num conheci pai e num fui criado por minha mãe. Então quando a pessoa é assim, que num é criado com pai nem com mãe, ele comeu o pão que o diabo amassou com os pés, né com as mão não. Apanhou de gente que num era nem parente. É uma parte que eu num gosto que ninguém me investigue nesta parte.¹⁷

Percebe-se aqui outro movimento da memória: a tentativa de omitir as memórias traumáticas individuais, valendo-se de uma memória coletiva, aquela que é compartilhada pelo grupo e que pode ser narrada. As memórias traumáticas de suas vivências, principalmente quando se refere à sua infância, que se comparados aos dias de hoje, podiam ser analisados como fatos que deixariam sequelas irreversíveis em sua personalidade. No entanto, ao manipular o conjunto de memórias, individuais e coletivas, especialmente por meio de repentes, esse narrador coloca as individuais em segundo plano, propositadamente.

¹⁷ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

Ao narrar, é nítido em sua expressão facial o sentimento de dor e tristeza ao relembrar os momentos difíceis vividos e, algumas pausas, foram necessárias para que continuasse a falar, pois “As pessoas tendem a eliminar aquilo que não podem expressar [...]” (Tuan, 1983, p. 7).

A aparência do Sr. Otacílio Reis¹⁸ possui marcas registradas das lutas vividas com o trabalho, marcadas ao cabo da enxada, com rugas que o sol aprofundou em seu rosto, embora demonstre muita disposição para trabalhar, mesmo com 81 anos de idade.

Eu andar em cinco estado, andando mais de noite do que de dia, pra num morre.

E vou dizer aqui meu velso, pouca coisa pra você.

[canta o repente a seguir]

A aeronáutica, a marinha são minha madrinha

E o exército é meu padrinho

Se num fosse esses três órgão que seria do pobre desse vinho.

Porque esses num se vende.

Quando eu lhe disser isso, já analisei minha vida em poucas palavras. Num foi? (Sr. Otacílio Reis)

Muitas das suas experiências de vida do Sr. Otacílio Reis são cantadas em repentes de sua autoria e, neste caso, supõe-se que as instituições citadas das Forças Armadas do Brasil, deram-lhe abrigo e proteção em vários momentos, já que “andando mais de noite do que de dia, pra num morre”, revela que estava escapando de algum perigo, que poderia ceifar sua vida. É possível ainda, supor, já que mencionara que passou pela experiência do trabalho compulsório na região, que estaria fugindo das milícias armadas do latifúndio, talvez a mando de seus antigos patrões latifundiários, já que reforça “Porque esses [as forças armadas]¹⁹ num se vende”. Tal narrativa foi contextualizada por ele no momento em que o Exército estava na região combatendo os militantes da Guerrilha do Araguaia, e provavelmente foram esses militares que possibilitaram que escapasse do trabalho compulsório. E mais uma vez ocorre o escamoteamento de suas memórias traumáticas com a frase “Quando eu lhe disser isso, já analisei minha vida em poucas palavras. Num foi?”

Suas vivências também são ricas em percepções sobre os diversos lugares em que esteve vivenciando diferentes relações de territorialidades e que se configuram em processos de desterritorializações seguidas de reterritorializações.

¹⁸ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. Entrevista. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

¹⁹ Grifo nosso.

Para Little (2002, p. 8)

[...] um estado de desterritorialização, embora muitas vezes acompanhado por trauma ou sofrimento, é também uma parte fundamental da condição humana. Embora seja frequente o desejo por parte dos desterritorializados de encontrar raízes, situações de carências de lar, homelessnes²⁰, [que] podem durar gerações.

Assim, em cada novo território que o Sr. Otacílio Reis esteve pôde conhecer, sentir e experimentar novas formas de territorialidades e, em cada uma delas, foi diverso as razões que o levaram a mudar de lugar.

Nasci em Pernambuco. Araripina. Eu vim mais meu avô e meu avô, minha mãe veio pra cá, pra Carolina [Maranhão]²¹, aí ela arranhou outro homem. E eu fiquei mais meus avô. Ai quando foi em 47, meu avô morreu aí eu tomei de conta de responsabilidade de casa. Até meus tio e tia, separaram tudinho. Aí eu ganhei o mundo. Desci pro Marabá [Pará]²², do Marabá pra Amazônia. Trabalhei em demarcação de terra, trabalhei. Conheço o Brasil, pode dizer que só a capital que eu não conheço é Palmas. Eu tinha doze ano. Sempre lidou com roça. Gosto da roça e ainda faço poesia sobre a roça.²³

Este mesmo processo, os demais pequenos produtores de leite que foram entrevistados para esta pesquisa, também vivenciaram, ou seja, os processos de desterritorialização e de reterritorialização citados anteriormente. Antes de se estabelecerem no Assentamento Santa Marta, os Srs. Jânio, Pedro, Joca e Sra. Jussara foram remanejados do município de Babaçulândia devido à construção da Usina Hidrelétrica do Estreito. Já o Sr. Moacir foi remanejado de um assentamento do município de Wanderlândia para o ajustamento de terras realizado pelo Incra.

Little (2002, p. 9), apresenta sete categorias de movimentos geográficos grupais e os considera principal para se utilizar no entendimento das territorialidades e desterritorialidades. O primeiro são os nômades que “[...] incorporam noções de movimentos regulares e ciclos de concentração e dispersão [...]”. O segundo é caracterizado pelo fenômeno da diáspora onde o grupo tem o deslocamento forçado de um lugar em um determinado momento histórico e passa a usar a memória deste lugar como identidade única. O terceiro “[...] compreende as vítimas de deslocamentos diretos e forçados”. O quarto grupo, “[...] refere-se à migração grupal reativa” dos quais ao reagirem a pressões externas migram coletivamente e se reagrupam em um novo local. A quinta são “migrações colonizadoras” imbuídas em colonizar as fronteiras internas nacionais. A sexta,

²⁰ Homelessness = falta de moradia.

²¹ Grifo nosso.

²² Grifo nosso.

²³ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. ENTREVISTA [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

“consiste em migrações laborais temporais” atrelados principalmente ao “nível de formação e qualificação dos migrantes”, dos quais numa escala inferior “encontram-se os trabalhadores com pouca educação formal e com qualificação mínima” e, numa escala superior, “profissionais que migram em condições de segurança de trabalho”. E, por último, “migração sobreviventista” representando os refugiados e exilados políticos e econômicos.

No caso do relato anterior sobre a trajetória do Sr. Otacílio Reis, observa-se que uma das razões da desterritorialização diz respeito ao nível de formação e qualificação profissional, que é a “migração laboral temporal”, sendo inerente o não estabelecimento de um novo espaço de reterritorialização, porém vários significados são incorporados à sua experiência como perspectiva pessoal e do trabalho servindo de referência para formação da atual territorialidade do seu modo de vida no trabalho com a roça.

Muito difícil, porque aqui dentro do Parazão, eu servi de burro pra carregar castanha nas costa. Então, era burro do povo rico, quando ia acertar as conta, é com seis meses que trabalhava. Tinha um tal de capanga, que hoje fala de pistoleiro, pra poder tirar a pessoa, pra num fala. Aí eu tinha que passar aqueles igarapé, tudinho, nadando de noite. Aqueles Mutram²⁴ que tinha no Marabá. Que eu cheguei, era bem novinho no Marabá.²⁵

Neste trecho da entrevista com o Sr. Otacílio Reis, ele conta sua experiência de trabalho do Estado do Pará, que no caso específico a desterritorialização concorda relativamente com a categoria de “migração grupal reativa”, visto que, ele sofre pressões de natureza capitalista que são capazes de transformar as suas memórias espaciais, conforme as condições existenciais e a localização mudando assim, forçadamente, seus objetivos de vida.

Little (2002), enfatiza que essas migrações, e no caso foram vividas pelo narrador, tornam possíveis divergentes formas de territorialização histórica como formas de lutas e reivindicações pelo espaço proporcionando, assim a reterritorialização que será o produto de tais migrações.

No relato do Sr. Otacílio Reis apresenta denúncia quanto a exploração do trabalho escravo na fábrica de castanhas da Família Mutram no município de Marabá – PA. Supõe-se ainda, as condições de precariedade do trabalho, das condições de vida, da jornada exaustiva, da servidão por dívida, formas degradantes e desumanas a que foi submetido enquanto trabalhador neste local, já que após seis meses de

²⁴ Mutram é nome de uma família tradicional que possuem fábrica de castanha no Estado do Pará.

²⁵ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. Entrevista. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

trabalho não teve direito a remuneração e, tão pouco, pôde reivindicar seus direitos trabalhistas, sendo assim, cerceado de se libertar. Mais uma vez, ele enfatiza a necessidade da fuga escondido, já que “tinha que passar aqueles igarapé, tudinho, nadando de noite” para sobreviver aos capangas do “povo rico”. Percebe-se na sua narrativa que era submetido também à segregação espacial utilizada, propositadamente, pelos fazendeiros para dificultar a fuga, a comunicação, vida social ou familiar.

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor... A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforma em lugar (Tuan, 1983, p. 6)

No processo de reterritorialização vivido pelo Sr. Otacílio Reis trouxe mudanças em sua vida, que provocaram alterações em sua memória espacial com novas territorialidades.

Botava eu na mata para fazer picada no meio dos índio. Ainda aprendi ainda a linguagem de índio. Vou dizer aqui o Amazona em verso. Improviso.
Estado é Amazonas, a Manaus é a capital Boa forma de governo, tem palácio e catedral Amazona extrema com Peru
As Guianas são La paz e Tabatinga Seus produtos são madeira e seringa Tem caboclo de flecha que anda nú A comarca é Manacapuru
Na latitude da Grande Cordilheira Tracajá, tartaruga vai pra feira Nos igarapé tem clima doentio
Os influente engrossa os grande rio
Para o Atlântico, o Amazonas faz carreira (Sr. Otacílio Reis).

A riqueza de informações neste repente em relação ao Estado do Amazonas refere-se a aspectos físicos, geográficos, hidrográficos e políticos que fizeram parte da sua reterritorialização após migrar do Pará. Os pontos relevantes do repente do Sr. Otacílio Reis pontuam com riqueza de detalhes, os diversos lugares no Estado do Amazonas, demonstrando conhecimento geográfico condizente com o conhecimento formal científico e mobilizando elementos da cultura letrada para compor seus versos.

Nestes versos sobre o Estado do Amazonas Sr. Otacílio Reis não identifica, exatamente, o local que se estabeleceu e nem tão pouco se efetivamente esteve nas várias cidades mencionadas, mas sugere que se ocorreu não foi um processo tão simples, visto que além da mudança de lugar teve de se deparar com o novo e o desconhecido, tanto no que se refere ao ambiente quanto à cultura. No caso, suponha-se que tenha sido difícil a sua (re)adaptação, já que discorre situações e lugares

totalmente diferentes da sua origem nordestina. Relata nos versos, aspectos de vida urbana, mas também do seu trabalho “na mata para fazer picada no meio dos índio”. Percebemos ainda, uma riqueza de detalhes que abrange todo o Estado, percorridos de um extremo a outro.

Quando afirma que o “Amazonas extrema com o Peru”, refere-se ao limite oeste da fronteira do Brasil com a República do Peru e da capital federal da Bolívia, La Paz que conferem com os cânones geográficos. Tabatinga é um município do Estado do Amazonas que faz fronteira com a Colômbia. De Manaus só é possível ir a Tabatinga de barco e o trajeto dura cerca de três dias ou de avião, revelando assim que talvez Sr. Otacílio Reis tenha conhecimento da sua existência. Trata-se de uma cidade que exporta madeira, adubo orgânico e frutas. No verso “Na latitude da Grande Cordilheira”, refere-se a distância entre o Norte e o Sul medida entre a Linha do Equador e o Meridiano de Greenwich, localizando nos seus versos a Cordilheira dos Andes que em sua extensão ainda fica próximo à fronteira do Amazonas e Peru.

Quando cita “Seus produtos são madeira e seringa”, refere-se às principais atividades econômicas da Comarca de Manacapuru, importante centro comercial do Estado do Amazonas. Relata de ter visto “caboclo de fecha que anda nu” e também experiências relacionadas à fuga para sair do Estado do Pará, já que em outras falas do seu depoimento diz que “tinha que passar aqueles igarapé, tudinho, nadando de noite”, assim possivelmente, tenha ficado doente ao fazer a travessia “nos igarapé tem clima doentio”. Nos últimos versos deste repente, Sr. Otacílio Reis mostra aspectos hidrográficos demonstrando a utilidade dos afluentes que formam o Rio Amazonas e o tem conhecimento geográfico refinado ao afirmar que o seu percurso final, isto é a foz é no Oceano Atlântico.

Para ilustrar o período de convívio com os índios, durante a entrevista faz questão de cantar outro repente.

Agora eu vou cantar um pouco indígena.

Zara, Zara, o piau pegou quati, zara, zara, zara

[...] Essa é a brasileira. Eu só tive o pré! Pois é. É porque tem muito índio que é cristão. É crente.

Ijá, ijá, Jesus Cristo ressuscitou, ijá, ijá, ijá

No português. (risos) Que tal irmã? Cê notou que o vinho conhece um pouco?
(Sr. Otacílio Reis).

No entanto, com as novas relações que são estabelecidas no novo lugar, a reterritorialização não só modifica as vidas das pessoas reterritorializadas, mas

também modifica a vida das que já estavam no local, mediante as novas descobertas e aprendizagens presentes nas relações interpessoais. A possibilidade de o narrador não ter de fato conhecido todos os espaços citados no repente existe, mas, o que importa aqui é que seu repente revela as formas pelas quais ele sentiu a experiência de des-re-territorialização e, como deixa vaziar em sua narrativa que se serve de diversificadas fontes de informação, incluindo a cultura letrada, mesmo sendo iletrado, e passado pelo aprendizado com os outros assentados, para construir as representações sobre o processo.

O Espaço da Roça Como Cultura: Valores e Territorialidade

Neste sentido, o território gerado a partir dessas relações internas e externas, das identidades e heterogeneidades do território passa a ter grande relevância, como enfatiza Saquet (2008, p. 88). “Na reterritorialização, reproduzem traços comuns e heterogeneidades que, ao mesmo tempo, estão na base da apropriação e produção dos novos territórios”.

Dessa forma, o processo de reterritorialização também ocorre com os outros pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, ao chegar no espaço destinado para ser a sua terra, eles trazem consigo suas territorialidades e se deparam com as territorialidades impostas pela lógica capitalista de produção, onde o desafio será a construção de nova territorialidade.

Os modos de viver mais tradicionais e as relações familiares são pensados, tendo a terra e o trabalho como categorias vinculadas estreitamente aos valores, aos princípios e a honra. O trabalho é utilizado como forma complementar na educação dos filhos, como relata o Sr. Moacir “Meu pai, toda vida, eu já nasci tendo de levantar cedo para cuidar cedo. E eu me sinto bem com isso. Eu levanto cedo vou trabalhar”²⁶. Assim, neste modo de vida, os meninos desde pequenos acompanham e aprendem com os pais na lida diária com a roça, no cuidado com os animais e ajudam no cultivo da terra. Já as meninas, são inseridas nos mais diversos afazeres domésticos e serviços na lida da roça também, acompanhando e ajudando as mães. Nos relatos de Sr. Joca²⁷ diz: “No meu tempo todos eram na lida da roça. Toda a vida. Eu mais meus irmãos nois tudinho trabalhava para isso mesmo.” enfatizando esta questão, que no seu caso faz questão de demonstrar que desde infância trabalhava na roça.

²⁶ Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. Entrevista. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

²⁷ Entrevista concedida pelo Sr. Joca, Entrevista. [Ago. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 82,2 MB (44 min. e 54 seg.).

Neste outro trecho Dona Maria Etelvina conta como era seu trabalho durante a adolescência, enfatizando ainda a diferença dos dias atuais em que os adolescentes preferem ter uma vida social em festas e baladas.

Eu nasci e me criei foi na roça, não foi em festa não. No inverno com muié trabalhando, cada uma com uma enxadona de três libras. As veia com cachimbo de lado e as moças, cantando e falando em namorado. E a enxada oia! O veio chegava com a foiceira. Você sabe como era antigamente! (Dna Maria Etelvina)²⁸

Ao contrário do que muitos pensam que as meninas da zona rural de “antigamente” eram educadas apenas para ser mães e esposas, as falas de Dona Maria Etelvina demonstram justamente o contrário, o trabalho mostra outra realidade, pois neste caso a mulher era preparada para o trabalho, a lidar com os trabalhos tido como masculinos e com os desafios que a vida proporcionava.

Muitos pequenos produtores de leite se queixam e expressam tristeza ao ver que os filhos não aceitam o destino de se fixar nas terras, mas buscam novos rumos aventurando-se em empregos assalariados fora do mundo rural, deixando de contribuir com o processo de trabalho, como relata o Sr. Moacir: “Meus filhos é tudo pai de filho. Já tenho quatro neto. Eles me ajuda assim. No dia que vem, as vezes, chega aí e me ajuda a fazer alguma coisa”.

Contudo, mesmo defendendo esta hierarquia cultivada de autoridade sobre a família e transmitida pelo seu pai, percebe-se no trecho a seguir, um descontentamento em não poder fazer nada para poder manter os filhos no assentamento considerando um rompimento nos valores tradicionais da família e defendida na fala, “Sempre o pai é quem tá ali calçando e pra manter o nome também”.

E hoje eu tenho dois filhos. Todos dois são empregado. Quando precisa de um apoio eu tenho meio de ajudar. O que eu tô vivendo hoje. Tem a crise? Tem! Mas avista o que eu já passei, eu tô muito bem. Graças a Deus! Eles me parece, que eles lá ganhando o dinheirinho deles lá particular, seria melhor. Porque aqui pra nois fica nois tudo aqui. Aí eu tinha que ter um investimento maior pra poder segurar nois. Porque hoje, o jovem de hoje, num é aquele jovem igual eu fui criado. Porque eu fui criado pensando no pão de cada dia. E aquilo meu pai não deixou faltar. Aquilo pra nóistava bom. E o jovem de hoje não. Ele quer luxar mais, ele quer calçar bem, ele quer vestir bem, quer sair. Aí chega aquela posição que muitas das vezes a gente não tem tudo suficiente. Aí eles acharam que na rua trabalhando, ganhando, acharam o serviço tudo. Achou que é melhor e eu não pude proibir. Tive que dar apoio.²⁹

²⁸ Entrevista concedida pela Sra. Maria Etelvina. Entrevista. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

²⁹ Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. Entrevista. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

Com isso, Sr. Moacir se sente impotente economicamente, pois teria que investir para produzir mais e ter como atender as necessidades dos filhos quanto às imposições da moda, as influências midiáticas que incentivam o consumismo, do “luxo”. Enfatiza ainda, que no tempo dele a coisa era diferente, tudo mais simples, pensando apenas no pão de cada dia, exaltando o significado do alimento para ele.

No trecho a seguir, O Sr. Moacir conta com orgulho dos valores transmitidos pelo seu pai referente ao trabalho, a comida, a honra e a honestidade.

Sempre o pai é quem tá ali calçando e pra manter o nome também. Porque meu pai criou a gente assim. Se nois ficasse sem quebrar o jejum até meio-dia, mas o almoço ele não devia nada a ninguém. E aí por onde ele passou, mesmo pobre ele deixou um nome. Então eu hoje trabalho assim. Muitas vezes a gente fica devendo, faz um coisa, faz um serviço. [...] E fico devendo mas chega aqueles dias eu quero cumprir com aquilo que a gente fez o compromisso. A minha vida é essa! É trabalhar, arrumar o pão de cada dia. Cumprir com meus dever, com minhas obrigação que eu tenho que cumprir.³⁰

Para ele, o papel atribuído a figura do pai é ser o provedor da família, aquele que não irá deixar faltar “o pão de cada dia”, pois sempre estará “ali calçando e pra manter o nome” através do trabalho que irá dignificar a “obrigação que tem que cumprir”, não apenas perante a família por “arrumar o pão de cada dia”, mas também diante toda a sociedade para manter a sua honra inabalada, comunicando a importância da autoridade doméstica exercida pelo pai na base da organização familiar tradicional.

Assim, “o pão de cada dia” se torna elemento central nesta discussão conferindo-lhe alto valor social e de troca, conforme Woortmann (1990, p. 59), que enfatiza: “O valor de uso da comida não se limita às suas qualidades alimentícias; ele envolve também suas qualidades como linguagem, uma linguagem que fala do pai, da família, do trabalho, da honra e da hierarquia”. Mais uma vez percebemos aqui o encontro do conhecimento sistematizado e o conhecimento construído pela vivência de sujeitos iletrados.

O pai exercia, fortemente o poder pátrio em sua casa, nos moldes em que a cultura tradicional desses sujeitos orienta. Aqui, a ausência de menção à mãe revela que em seu entendimento que a educação que recebeu e da qual se orgulha é proveniente da figura masculina. Sua autoridade valia tanto para os filhos como para a mulher, que dele dependia economicamente e a quem se submetia de acordo com a normatização estabelecida por essa cultura.

³⁰ Entrevista concedida pela Sra. Maria Etelvina. Entrevista. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

No trecho da entrevista do Sr. Moacir, em que “o almoço ele não devia nada a ninguém” a honra do pai está correlacionada a honestidade, pois à pessoa honesta é conferida a honra, no sentido de dignidade e reputação e fala dessa lembrança com tom de respeito e admiração.

Todos os pequenos produtores de leite afirmaram que permanece uma quantidade de leite na propriedade para alimentar a família, sendo base da nutrição das crianças para compensar também a perda de alguns itens que não conseguem produzir, como relata o Sr. Pedro³¹ “Por dia fica 2,5 litros. Nós quase não bebe leite. É mais o menino pequeno.”

A comida é o elemento central da produção e do consumo, ambos realizados pela família. [...] a comida é produzida pelo trabalho do pai na terra, que é terra de trabalho [...] no sentido de ser a terra construída pelo trabalho. Comida, trabalho e terra são[...] categorias centrais do discurso camponês e expressam uma relação moral entre os homens e deles com a natureza. (Woortmann, 1990, p. 37)

Através da produção do alimento, no caso destes pequenos produtores de leite, é possível observar ainda que se estabelece uma “relação moral entre os homens” de solidariedade com a comunidade, como explica o Sr. Jânio.

Fica em média de dez litros. Tem dia que fica mais, outro dia que fica menos. Só para consumo mesmo. A gente tem porco e bota um pouquinho pro porco. Não vendo leite não. Só quando chega um vizinho que quer leite. A gente dá um pouco. Sempre a gente dá o leite para o vizinho.³²

Dessa forma, oferecendo leite e outros alimentos produzidos em suas terras, os pequenos produtores estabelecem vínculos enquanto comunidade com algum vizinho que necessita de auxílio. Existe ainda, uma forte “relação com a natureza” de muita estima e cuidado com os animais da propriedade que são acompanhados durante todo o ciclo de vida, atribuindo-lhes valores não econômicos, ao ponto de alimentar o bezerro órfão, ou ainda, os porcos, conforme na fala a seguir do Sr. Otacílio Reis: “Nóis fica com 2 litros para uma bezerra que tá sem a mãe. Que a mãe morreu. Aí a gente dá o leite pra ela. Eu tô achando que foi cobra que matou”.³³

Faz parte do cotidiano dos pequenos produtores de leite a experiência de presenciar o nascimento, crescimento e morte dos animais. Alguns recebem nomes e são considerados de estimação da família como gatos, cachorros, galinhas e cavalos; já outros possuem apenas o valor de troca ou de subsistência, como porcos, galinhas,

³¹ Entrevista concedida pelo Sr. Pedro. Entrevista. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min e 12 seg.).

³² Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. Entrevista. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

³³ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. Entrevista. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min. e 38 seg.).

gado de corte, etc., como mostra a fala da Sra. Maria Etelvina “Aí eu tinha o gado lá pra vender. Então, vendi o gado, a bezerrada e coloco nesta terra”.³⁴

Neste sentido, a alimentação estabelece um vínculo direto com o trabalho e a terra, que para o pequeno produtor de leite significando muito além que produção dos alimentos para garantir a sobrevivência e satisfazer as necessidades básicas humanas, mas é o que define de fato o modo de vida tradicional rural e afirmação de sua identidade.

Agora eu vou lhe dizer uma coisa. Sinto um graaande prazer, me agrada muito eu tá lidando com os bicho. Eu acho melhor que tá na estrada dirigindo. Eu aqui sempre produzo o feijão, eu tenho a mandioca. Eu tenho ovo, eu tenho frango, eu tenho o leite. Eu a única coisa que eu num planto é o arroz. Porque eu trabalho só. E pra mexer com a roça você tem que ter uns companheiro. Aí já vai ter despesas.³⁵

467

No depoimento do Sr. Moacir, o cuidado com o gado leiteiro e a terra são atribuídos valores afetivos demonstrado com satisfação em atuar na atividade, visto que sem elas não se produz o alimento para a família, não se deixa a herança aos filhos e tão pouco se negocia, buscando inclusive aproveitar ao máximo o potencial de suas terras, produzindo boa parte do alimento que consome.

O sentimento de gratidão é percebido na fala de Dna. Maria Etelvina quando diz “eu não saio não. Foi quem tratou da minha doença. Eu tô operada, com cinco operação e meu gado quem tratou de mim. Foi esta terra. Eu não saio não. Vou morrer aqui. Quero morrer aqui”.³⁶ A curiosa inversão “meu gado que tratou de mim”, já que a ideia mais comum é a de que é o humano que cuida do animal, deixa vazar todo o respeito que o pequeno produtor tem pelos animais que possibilitam o seu sustento. Tal respeito, vazado com afeto, é uma marca indelével de um modo de vida tradicional rural que se opõe a lógica capitalista de produção no campo.

Assim, a terra e o gado possuem importantes funções na economia do pequeno produtor de leite como uma reserva econômica que em períodos de crise, permite ser negociado à venda podendo sanar alguma dívida, ser “moeda” de troca, ou mesmo, auxiliar numa situação em que precisa de dinheiro como em tratamentos da saúde. E, para além dos aspectos econômicos relacionados ao valor de troca, o valor de uso impregna-se de valores éticos, morais e afetivos.

³⁴ Entrevista concedida pela Sra. Maria Etelvina. Entrevista. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

³⁵ Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. Entrevista. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min. e 5 seg.).

³⁶ Entrevista concedida pela Sra. Maria Etelvina. Entrevista. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

Mais uma vez, é explícito nos relatos que “viver só do leite, não dá”. Alternativas são buscadas pelos pequenos produtores para poderem viver dignamente “sem dever a ninguém”.

Encerrando o capítulo com a inclusão do repente do Sr. Otacílio Reis que ressalta sobre a vida do vaqueiro, marcado pelo amor e pelo prazer em cuidar do seu rebanho, e isso o torna um ser carismático, querido por qualquer pessoa.

Vaqueiro que é vaqueiro
Ama seu gado e quer bem
Todo dia vai ao campo
Contar as rês que tem
Quem não gosta de vaqueiro
Não gosta mais de ninguém
Eeeerrroooooo! (Sr. Otacílio Reis)

468

Aqui, ilustrando a figura do vaqueiro, um ícone da cultura rural nordestina, é mobilizado pelo narrador para vazar o sentimento, que é representativo de todos os assentados, de ligação afetiva dos sujeitos com a terra e com seus animais. O narrador transforma todos, pois, narrativamente, em “vaqueiros”, os que cuidam das reses que produzem o leite, e por extensão, quem não gostar desse sujeito, que é o responsável direto pela produção leiteira, “não gosta de mais ninguém”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, as análises realizadas das narrativas dos repentes, versos e prosas do Sr Otacílio Reis e dos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, expressam mais que suas experiências vividas e memórias sociais, mas relevam manifestações culturais na construção dos sentidos da realidade vivida.

Observa-se que é através da oralidade que os narradores buscam preservar seus valores, suas práticas cotidianas, suas formas de compreender o mundo e tudo que faz parte da sua identidade, mesmo diante das mudanças impostas pelo avanço do agronegócio e pelas políticas institucionais.

Nesta conjuntura, a memória exerce papel central na forma de construção das narrativas e até na escolha do que será narrado. São omissões, silêncios, ênfases relevando não apenas lembranças, mas o jeito de como lidar com as tensões presentes e experiências traumáticas.

Sendo assim, é evidente que além da dimensão física, o território se constitui num espaço de significações, disputas e relações, onde se estrutura poder, saber e identidade, evidenciando ainda neste cenário as complexas dinâmicas de desterritorialização e reterritorialização vivenciadas pelos sujeitos.

Para concluir, enfatiza-se que ao “cantar em vez de chorar”, o narrador faz uso do repente ressignificando suas experiências, muitas vezes em meio a adversidades, reafirmando sua cultura, sua existência, seu modo de vida e sua forma de enxergar o mundo.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, vol. 14, p. 125-136, 1995. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf. Acesso em: 24 abr. 2017.

ABRAMOVAY, Ricardo. **O admirável mundo novo de Alexander Chayanov**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n32/v12n32a06.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2017.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

Bíblia OnLine. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/17>. Acesso em: 20 abr. 2017.

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade**. Niterói: Editoria da UFF, 1997.

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração: por um teoria de reterritorialização. **Textos de história**, vol. 2, nº 4, p. 5–25, Brasília, Editora Universidade Brasília, 1994. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5757/4764>. Acesso em: 20 dez. 2016.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia nº 322. Brasília: Departamento de Antropologia, 2002. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/PaulLittle1.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2016.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu (org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Mundialização da Agricultura Brasileira**. São Paulo: Iandé Editorial, 2016. 545 p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007. 184 p.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significação nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, p. 59-72, 1996. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/site/?p=230>. Acesso em: 8 abr. 2017.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Eliseu (org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Dipel, 1983.

WOORTMANN, Klaas A. A. "Com parente não se neguceia": o campesinato como ordem moral. In: **ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO 87**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 11-73.

WOORTMANN, Klaas A. A. A transformação da subordinação. Seminário Saber Camponês. In: **ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO/1981**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.